

LISA JEWELL

Autora bestseller do New York Times



a terceira mulher

Um homem.
Três casamentos.
Uma teia de mentiras.



«Tal como Liane Moriarty, Lisa Jewell consegue a conjugação perfeita entre ficção feminina e o suspense intenso.»

Booklist

TOP
SEL
LER

Este livro é dedicado a todos os meus amigos no Quadro.

PRIMEIRA PARTE

Abril de 2011

Podiam ser fogo de artifício os esguichos, os estouros e as tempestades de cor que explodiam diante dos seus olhos. Podiam ser as Luzes do Norte, a sua exclusiva aurora boreal. Mas não, eram apenas luzes de néon e lâmpadas de rua que a vodca havia transformado em vultos e prismas. Maya pestanejou, tentando expulsar as cores do seu campo de visão. Mas estavam agarradas, como se alguém tivesse andado a garatujar-lhe nos globos oculares. Fechou os olhos por um instante, mas, com a falta de visão, perdeu o equilíbrio e sentiu-se vacilar. Agarrou-se a qualquer coisa. Só com o guincho agudo e o retrair de ombros que acompanharam o seu gesto é que se apercebeu de que se tratava de um ser humano.

— Merda — disse Maya. — Peço imensa desculpa.

A pessoa fez um ruído de desprezo e chegou-se para trás.

— Deixe lá.

Maya ficou exageradamente ofendida com a falta de simpatia daquela pessoa.

— Credo — disse ela àquela indefinição de pessoa cujo género não conseguira ainda discernir. — Qual é o seu problema?

— Hum... — disse a pessoa, olhando Maya de cima a baixo. — Acho que vai perceber que quem tem um problema é você. — Nesse momento, a pessoa, uma mulher, sim, com sapatos vermelhos, fez o mesmo ruído de desprezo e pôs-se a caminho, com os saltos a emitir um toque-toque trocista no passeio à medida que se afastava.

Maya observou o vulto que se desvanecia. Deu com um candeeiro público e encostou-se a ele, contemplando o trânsito que passava. Os faróis transformaram-se em mais fogo de artifício. Ou num daqueles brinquedos que ela tivera em criança: um tubo cheio de contas coloridas que se

agitava e para o qual se olhava pelo buraco, com padrões lindos — como é que se chamava? Não se lembrava. Fosse lá o que fosse. Já não sabia. Não sabia que horas eram. Não sabia onde estava. O Adrian tinha ligado. Ela tinha falado com ele. Tentara fazer uma voz sóbria. Ele perguntara-lhe se ela precisava que ele a fosse buscar. Ela não se lembrava do que lhe tinha respondido. Nem há quanto tempo isso tinha sido. O querido Adrian. Tão querido. Ela não podia ir para casa. Ir para casa fazer o que precisava de fazer. Ele era demasiado bom. Ela lembrava-se do pub. Tinha falado com aquela mulher. Prometera-lhe que ia para casa. Há horas. Onde estivera desde então? A caminhar. Sentada algures, num banco, com uma garrafa de vodca, a conversar com desconhecidos. Ah! ah! ah! Essa parte tinha sido divertida. E as pessoas tinham sido divertidas. Tinham-lhe dito que podia ir com elas, para o apartamento delas, fazer uma festa. Sentira-se tentada, mas agora estava contente, contente por ter dito que não.

Fechou os olhos, agarrou-se ao candeeiro com mais força, à medida que ia sentindo que o equilíbrio lhe fugia. Sorriu para si mesma. Era agradável. Era agradável. Toda aquela cor e escuridão e barulho e todas aquelas pessoas fascinantes. Devia fazê-lo mais vezes, devia mesmo. Libertar-se. Viver um pouco. Enlouquecer um bocadinho. Um grupo de mulheres caminhava na sua direção. Fitou-as com avidez. Via cada uma das mulheres em triplicado. Eram todas muito jovens, muito bonitas. Voltou a fechar os olhos quando elas passaram, com os sentidos incapazes de conter aquela imagem durante mais tempo. Assim que passaram por ela, abriu os olhos.

Viu um autocarro a aproximar-se ameaçadoramente, balouçante e determinado. Semicerrou os olhos à luz branca da frente, à procura de um número. O autocarro abrandou ao aproximar-se, e ela virou-se e viu que tinha uma paragem à sua esquerda, com pessoas lá paradas, à espera.

Querida Cibra. Porque é que simplesmente não desapareces?

As palavras cruzaram-lhe a mente, claras e concisas quanto ao significado, como uma pessoa sóbria que a conduzisse a casa. E depois aquelas outras palavras, as palavras anteriores.

Eu também a odeio.

E deu um passo em frente.

— Pelo que disse o motorista, a senhora Wolfe cambaleou para a frente do autocarro.
— Cambaleou? — repetiu Adrian Wolfe.

— Bem... sim. Foi a palavra que ele usou. Disse que não lhe pareceu que ela tivesse avançado ou saltado ou corrido ou caído ou tropeçado. Disse que ela cambaleou.

— Então foi um acidente?

— Bem... sim, parece que é possível. Mas, como é óbvio, precisamos de um relatório completo feito por um especialista em medicina-legal, ou mesmo de uma investigação. O que podemos dizer-lhe com toda a certeza é que a taxa de alcoolemia dela era muito alta. — O inspetor Hollis referia-se a uma folha de papel na secretária à sua frente. — Era de 0,2 gramas por litro de sangue. Extraordinariamente alta. Sobretudo para uma mulher pequena como a senhora Wolfe. Ela bebia com regularidade?

A pergunta parecia séria. Adrian encolheu-se.

— Hum, sim, acho que sim, mas não mais do que qualquer vulgar professora de liceu stressada e com 33 anos. Sabe como é, um copo por noite, às vezes dois. Mais aos fins de semana.

— Mas este nível de bebida, senhor Wolfe? Isto era normal?

Adrian deixou o rosto cair-lhe nas mãos e esfregou asperamente a pele. Estava acordado desde as 3h30, desde que lhe tocara o telefone, interrompendo-lhe um sonho fragmentado no qual corria pelo centro de Londres com um bebé nos braços e tentava chamar por Maya, mas sem conseguir proferir um único som.

— Não — respondeu —, não. Isso não era normal. Ela não é... não era esse tipo de consumidora de álcool.

— Então ela tinha... saído para ir a alguma festa? Tinha algum programa fora do vulgar?

— Não. Não. — Adrian suspirou, sentindo a insuficiência daquilo que sabia sobre o que se passara nessa noite. — Não. Estava a tomar conta dos meus filhos. Na minha casa, em Islington...

— Dos *seus* filhos?

— Sim. — Adrian voltou a suspirar. — Tenho três filhos com a minha ex-mulher. A minha ex-mulher teve de ir trabalhar hoje. Desculpe. Ontem. Inesperadamente. Não teve tempo para arranjar quem lhe ficasse com as crianças, por isso pedi à Maya que tomasse conta delas. Estão de férias da Páscoa. E, como é óbvio, a Maya também está, uma vez que é professora. Como tal, a Maya passou lá o dia, e eu estava à espera de que ela fosse para casa por volta das seis e meia, mas ela não estava lá quando eu cheguei e não atendia o telemóvel. Liguei-lhe mais ou menos de dois em dois minutos.

— Sim, nós vimos todas essas chamadas não atendidas.

— Atendeu finalmente por volta das dez da noite, e deu para perceber que estava bêbeda. Disse que estava na cidade. Não me quis dizer com quem. Disse que ia a caminho de casa. Por isso, fiquei à espera dela. Tornei a ligar mais ou menos desde a meia-noite até à uma da manhã. Depois acabei por adormecer. Até que o meu telefone tornou a tocar às três e meia.

— Como é que ela lhe pareceu? Quando falou com ela às dez da noite.

— Pareceu-me... — Adrian suspirou e esperou que a vaga de lágrimas passasse. — Pareceu-me muito bem-disposta. Bêbeda alegre. Estava a ligar de um pub. Ouvia-se o barulho de fundo. Disse que ia a caminho de casa. Que estava só a acabar uma bebida.

— É muitas vezes assim, não é? — comentou o polícia. — Quando se atinge um determinado ponto de embriaguez. É muito mais fácil ser-se convencido a ficar só para mais aquela bebida. As horas passam tão depressa como minutos.

— Faz alguma ideia de com quem ela estaria no tal pub?

— Bem, não. De momento, não estamos a tratar a morte da senhora Wolfe como suspeita. Se se tornar evidente que existiu comportamento violento e precisarmos de investigar as últimas movimentações da senhora Wolfe, então, sim, iremos falar com os donos dos bares da zona.

Falar com os amigos da senhora Wolfe. Construir uma imagem mais completa.

Adrian assentiu com a cabeça. Estava cansado. Estava traumatizado. Estava confuso.

— Tem alguma teoria, senhor Wolfe? Estava tudo a correr bem em casa?

— Sim, oh, meu Deus, sim! Quer dizer, nós só estávamos casados há dois anos. Estava tudo ótimo.

— Não havia problemas com a família número um?

Adrian olhou para o inspetor Hollis de modo indagador.

— Bem, com as segundas esposas... pode haver, sabe como é... pressões.

— Na verdade, ela é... ela *era*... a minha terceira mulher.

As sobrancelhas do inspetor Hollis empertigaram-se.

— Já estive casado duas vezes.

O inspetor Hollis olhou para Adrian como se este tivesse acabado de executar um audacioso truque de ilusionismo.

E agora, senhoras e senhores, no meu próximo truque, irei confundir todas as vossas ideias pré-concebidas sobre mim com um passe de magia.

Adrian estava habituado àquele olhar. Dizia: Como é que um velho jarreta como tu consegue convencer uma mulher a casar, quanto mais três?

— Eu gosto de estar casado — disse Adrian, apercebendo-se nesse momento de como aquilo parecia tudo menos próprio.

— E estava tudo bem, era? A senhora Wolfe não sentia dificuldades em estar no meio de uma situação tão... *complicada*?

Adrian suspirou, afastou o cabelo escuro para longe da cara e depois deixou-o pender de novo sobre a testa.

— Não era complicada — disse ele. — Não é complicada. Somos uma grande família feliz. Vamos de férias juntos todos os anos.

— Todos?

— Sim. Todos. Três mulheres. Cinco filhos. Todos os anos.

— Todos na mesma casa?

— Sim. Na mesma casa. O divórcio não tem de ser uma coisa tóxica, se todos os envolvidos estiverem preparados para agir como adultos.

O inspetor Hollis assentiu lentamente com a cabeça.

— Bem — disse ele —, é bom ouvir isso.

— Quando é que a posso ver?

— Não sei bem. — A atitude do inspetor Hollis amoleceu. — Vou agora ligar para o gabinete do médico-legista, para saber como está a correr. Deve estar para breve. — Fez um sorriso caloroso e substituiu a tampa da esferográfica. — Talvez seja hora de ir para casa, tomar um duche, beber um café.

— Sim — respondeu Adrian. — Sim. Obrigado.

A chave produziu um som terrível na fechadura da porta da frente de Adrian; rilhou e rangeu como um instrumento de tortura. Apercebeu-se de que era por estar a rodar a chave extremamente devagar. Apercebeu-se de que estava a tentar adiar o momento de entrar no apartamento, no apartamento *dois dois*. Apercebeu-se de que não queria estar ali sem ela.

A gata dela recebeu-o no corredor, desesperada e esfomeada. Adrian olhou de relance e vagamente para a gata. A gata de Maya. Levada para casa três anos antes numa caixa de plástico castanha como parte de um enternecedor pequeno conjunto de pertences. Ele não gostava especialmente de gatos, mas aceitara a dela no seu mundo do mesmo modo que aceitara a sua garrida capa de edredão florida, a toalha de mesa lavável e o leitor de CD manhoso.

— *Billie* — disse ele, fechando a porta atrás de si e encostando-se pesadamente a ela. — Ela morreu. A tua mamã. Morreu. — Deixou-se escorregar até ficar de cócoras, com as costas ainda comprimidas contra a porta da frente, os pulsos a pressionar os olhos, e chorou.

A gata aproximou-se dele com curiosidade. Roçou-lhe os joelhos e emitiu um trinado em *vibrato*. Ele puxou-a para si e chorou mais um pouco.

— Ela está morta, gatinha. A mamã linda, tão linda. O que é que vamos fazer? O que é que vamos fazer?

A gata não tinha respostas para dar. O que a gata tinha era fome.

Aos poucos, Adrian foi-se levantando e deixou que *Billie* o conduzisse até à cozinha. Aí vasculhou armários e prateleiras, à procura de alguma coisa que pudesse dar à gata. Nunca tinha dado de comer ao animal. Não fazia ideia do que é que a gata normalmente comia. Acabou por desistir e deu-lhe atum que se destinava a humanos.

O Sol já nascera, enchendo de uma luz pouco habitual aquela sala espartana, desengraçada e virada a leste. Fazia sobressair os tons de mel

sujos nas tábuas do soalho e a poeira no ar. Fazia sobressair os tufos de pelo preto deixados em todos os sítios onde a gata se instalara para uma soneca e as marcas pegajosas circulares na mesa de apoio em que Maya havia pousado o seu batido matinal. Fazia sobressair as bolhas de humidade por trás do papel de parede e as brechas no estuque.

Fora uma decisão precipitada, aquele apartamento. A colega de apartamento de Maya encontrara uma substituta que queria mudar-se nesse fim de semana, e, por muito civilizada que Caroline tivesse sido ao deixá-lo ficar a viver mais três semanas na casa de família depois de lhe ter dito que a ia deixar por outra mulher, ele percebera que estava na hora de seguir em frente. Os dois tinham visto três apartamentos numa manhã, tendo escolhido o pior na melhor rua.

Na altura, não tivera qualquer importância. Não tivera importância para nenhum dos dois. Porque estavam apaixonados. E os apartamentos feios parecem bonitos quando se está apaixonado.

Observou a gata que mordiscava o atum. A gata teria de ir embora. Ele não podia ficar com a gata de Maya sem a ter a ela.

Foi então que tirou o telemóvel do bolso do casaco, e ficou a fitá-lo por momentos. Tinha telefonemas a fazer. Telefonemas terríveis. Telefonemas para os pais secos e sisudos de Maya; telefonemas para Susie, em Hove; para Caroline, em Islington; para os seus filhos pequenos e para os seus filhos crescidos.

Que lhes diria quando lhe perguntassem porque é que Maya andava pelas ruas iluminadas de néon do West End, bêbeda e sozinha, numa quarta-feira à noite? Não sabia mesmo. A única coisa que sabia com toda a certeza era que a sua vida acabara de sair dos carris e que, pela primeira vez enquanto adulto, estava sozinho.

Março de 2012

A mulher de casaco cinza-claro estava parada do outro lado da estação do correio, a ver um expositor giratório com postais. Rodava lentamente o expositor, mas o seu olhar, fixo, não se detinha nos postais, mas nas aberturas que havia entre os postais. Detinha-se nele. Do outro lado. Em Adrian Wolfe.

Ele usava um grande sobretudo de *tweed*, calças de ganga pretas, botas de caminhada e um cachecol cor de vinho. Alto e magro, visto de trás, aparentava uns 20 anos; visto de frente, parecia ser de meia-idade. Mas era distinto, quase atraente, com a sua franja de cabelo escuro e os olhos dóceis. A mulher fora-se habituando àquele visual no decorrer das semanas, à medida que o ia seguindo de uns lugares para outros.

Ela viu-o tirar algo do bolso. Um pequeno retângulo de cartão claro. Ele disse qualquer coisa a um funcionário, que assentiu com a cabeça e apontou para um espaço em branco no quadro de anúncios comunitário. Adrian Wolfe tirou um piónés do quadro e trespassou o cartão com ele. Chegou-se para trás por um instante e contemplou-o. Depois pôs as mãos nos bolsos do grande sobretudo de *tweed* e foi-se embora.

A mulher apressou-se a sair de trás do expositor e encaminhou-se para o quadro, onde leu o cartão de Adrian Wolfe:

PROCURA-SE BOM LAR PARA GATA ADULTA

A *Billie* tem cerca de 8 anos. É uma bichana preta e branca com um temperamento doce e muito poucos hábitos irritantes.

Estou a atravessar algumas mudanças a nível pessoal e já não posso cuidar dela tão bem como merece.

Se quiser vir conhecer a *Billie*, para ver se se dão bem, ligue-me, por favor, para o número abaixo.

Olhou para a esquerda e para a direita e depois da direita para a esquerda, antes de tirar o cartão do quadro de avisos e de o enfiar na mala.

— Ela deita um bocadinho de pelo.

Adrian lançou um olhar de relance na direção da gata, que olhava para a desconhecida como se percebesse que ali estava para lhe dar a oportunidade de uma vida melhor.

A desconhecida, que se chamava Jane, sorriu e passou a mão com firmeza pelo dorso da gata, dizendo:

— Não faz mal. Eu tenho um Animal.

Adrian semicerrou-lhe os olhos. Na sua mente, imaginou-a sentada num sofá com um tigre ao seu lado, ou possivelmente um cavalo.

— Um animal... refere-se a outro animal de estimação?

Ela riu-se.

— Não, peço desculpa. Refiro-me àqueles aspiradores, sabe, para as pessoas que têm animais em casa. Aqueles que aspiram o pelo.

— AHHH. — Ele assentiu com a cabeça, como se soubesse. Mas não sabia.

— Então, porque é que se quer ver livre dela? — Tirou um bocado de pelo da palma da mão e deixou-o cair para o chão.

Adrian sorriu com tristeza e deixou que as palavras se soltassem com a maior ligeireza possível da sua língua. Por esta altura, já tinha prática na arte de tornar o intragável suportável para as outras pessoas.

— Ah, bem, a *Billie* era a gata da minha mulher. E a minha mulher morreu. Há onze meses. E, de cada vez que olho para a *Billie*, fico à espera de ver a minha mulher a entrar na sala. Mas ela não entra. Portanto... — Encolheu os ombros. — Aí tem. Está na hora de dizer adeus à *Billie*. — Olhou de modo ternurento para a gata, embora não sentisse qualquer ternura por ela. Mas não queria que aquela desconhecida visse essa sua faceta, a parte morta por dentro que podia sentir tamanha antipatia por uma mera gata.

A mulher levantou o olhar para ele, com os olhos cheios de dor.

— Meu Deus — disse. — Os meus sentimentos. Isso é terrível. — A franja loura tapou-lhe os olhos e ela empurrou-a para trás com dedos delicados. Todos os seus movimentos eram executados com perfeição, como uma bailarina experiente ou uma estudante da técnica de

Alexander. Adrian deu-se conta disso ao mesmo tempo que reparava na sua cintura, pequena e impecável no interior de um vestido camiseiro azul muito bem engomado e puxado para cima por um cinto, e, nos brincos, bolbos minúsculos de vidro azul que pendiam de ganchos de prata, com um matiz a condizer na perfeição com o vestido. Tinha calçados uns botins de cabedal castanho com um conjunto de tachas prateadas na biqueira e saltos baixos. Era imaculada. De um modo quase enervante.

Viraram-se os dois para olhar mais uma vez para *Billie*.

— Então — disse Adrian —, o que é que acha?

— Acho que ela é adorável — respondeu ela. Depois fez uma pausa e olhou para Adrian. Ele ficou admirado quando reparou que ela tinha os olhos desirmanados: um era azul-acinzentado, o outro era azul-acinzentado com uma parte âmbar. Susteve a respiração. Ali estava, pensou ele, a imperfeição. Todas as mulheres que alguma vez amara tinham uma. Uma cicatriz que atravessava a sobrancelha (Caroline). Uma falha entre os dentes (Susie). Cabelo avermelhado-vivo e um violento padrão de sardas arruivadas (Maya). — Mas — prosseguiu — não tenho a certeza de que esteja preparado para a deixar ir.

Ele fitou-a com curiosidade, interessado em ouvir a teoria por detrás da sua opinião.

— Há quanto tempo vive com a *Billie*? — perguntou-lhe.

Ele encolheu os ombros.

— Foi a Maya que a trouxe. Quando veio viver comigo. Portanto, há cerca de quatro anos, diria eu.

Ele viu-a a calcular rapidamente as datas, por trás daqueles olhos desirmanados. Uma mulher que se mudara lá para casa e que depois morrera, tudo no espaço de três anos. Estatísticas difíceis de interiorizar. Improvável e trágico, como um mau filme. Mas não se tratava de um mau filme. Pois não. Era a Vida Real.

Ela abanou a cabeça e sorriu.

— Ela é adorável — tornou a dizer. — Mas...

Adrian observou-a a formar as palavras seguintes.

— Não estou a sentir bem a coisa.

— Não está a sentir bem a coisa?...

Ele fitou a gata, olhando para ela de modo objetivo pela primeira vez. Nunca tinha sido amante de gatos e partia do princípio de que eram

todos iguais. Quatro patas. Bigodes. Orelhas triangulares. Mais ou menos do tamanho de uma pasta. Nenhuma das infundáveis e gloriosas variações da forma canina: orelhas que varrem o chão, orelhas que chegam à Lua, focinhos achatados, focinhos pontiagudos, do tamanho de um esquilo, do tamanho de um pequeno pônei.

— A ligação.

Ele esfregou a ponta do queixo entre o indicador e o polegar e tentou dar a ideia de que conseguia perceber a sua preocupação.

— Certo.

— Posso pensar no assunto? — perguntou ela, elevando a alça da sua impecável malinha de mão cinzento-outra até ao ombro.

— Claro que sim! Claro que sim! Sim, foi a única pessoa que respondeu ao anúncio; portanto, a bola está claramente do seu lado.

Ela sorriu-lhe.

— Ótimo. Posso cá voltar? Talvez amanhã? Para poder vê-la outra vez?

Adrian riu-se. Que rapariga tão estranha.

— Hã, sim. Acho que sim. Se bem que eu vou andar muito dentro e fora. Tem o meu número? Para poder ligar?

— Claro. — Estendeu-lhe a mão, para se despedir. — Ligo-lhe a meio da manhã. Logo se vê como nos organizamos.

— Muito bem. — Adrian seguiu-a até à porta da frente e abriu-lha, para que ela saísse.

— Uau — disse ela, ao olhar para o quadro branco pregado à parede por cima da secretária dele. — Isto tem um aspeto bastante desconcertante.

— Sim. Desconcertante é a palavra certa. Um bocadinho como a minha vida. Isto — fez sinal com a mão para o gráfico — é a única coisa que me separa do caos existencial total.

Ela fez uma pausa, com um sorriso a bailar-lhe nos lábios, e passou o dedo pelas palavras *A Pearl faz 10 anos. Strada, Upper Street, 18h30*.

— Já lhe comprou a prenda?

Ele ficou admirado com a pergunta. Intrusiva, mas também razoável.

— Sim — respondeu ele. — Por acaso, já.

— Muito bem! — disse ela. — Muito organizado. Certo. Bem, ligo-lhe amanhã. E obrigada. Obrigada por me dar tempo para pensar melhor. Uma decisão muito importante. Não é para ser tomada à pressa.

— Não, não, de maneira nenhuma.

Ele fechou a porta quando ela saiu e teve vontade de se encostar pesadamente a ela, quase como se a mulher tivesse levado consigo o seu centro de gravidade.

O quadro branco tinha sido ideia de Maya. Ela era uma daquelas pessoas que iam diretas ao cerne da questão e que a resolviam. E a questão era que, embora ele só quisesse ver toda a gente feliz, estava sempre a fazer coisas que deixavam as pessoas infelizes. E ele gostava de não se importar com isso. Gostava de se limitar a encolher os ombros e a dizer: «Ora, é a vida, estão a ver? Ninguém é perfeito.» Mas, de cada vez que se esquecia do aniversário de um dos filhos ou de um convite para ir ver uma peça de teatro ou assistir à cerimónia de entrega de algum prémio, enchia-se de um fervoroso ódio por si próprio. A sua família não convencional com tendência a aumentar era inteiramente um produto das decisões que tomara, e, como tal, cabia-lhe a ele assegurar-se de que ninguém sentia as repercussões. Mas elas surgiam, ainda assim. *Zás*: uma filha a chorar. *Trás*: um filho dececionado. *Pás*: uma ex-mulher exasperada.

«Pobre Adrian», dissera Maya certo dia, depois de ter tido uma terrível conversa por telefone com Caroline acerca de uma reunião de pais na escola a que ele se esquecera de ir.

Adrian tinha suspirado e deitado a cabeça no ombro de Maya, e dissera: «Sou um desastre. Uma bola demolidora em forma humana. Só gostava de conseguir demonstrar aos meus filhos que, apesar de ser um mentecapto desorganizado, a verdade é que estou sempre a pensar neles em todos os minutos de cada dia.»

E revelara então esta coisa. Chamaram-lhe o Quadro da Harmonia. O ano inteiro mapeado e com códigos de cores: aniversários dos filhos, aniversários das ex-mulheres, aniversários das ex-sogra, quem é que passava o Natal onde, quem ia começar a escola a sério ou sair da universidade, os períodos de aulas e de férias de três filhos em idade escolar e os preparativos para as viagens e para as entrevistas de emprego de dois filhos adultos. Se ele falasse com um dos filhos e este lhe dissesse qualquer coisa acerca da sua vida, por mais inconsequente que fosse, ele anotava-a ali: *A Cat vai ver apartamentos este fim de semana*. Dessa maneira, na vez seguinte em que falasse com a Cat, não se esqueceria

de lhe perguntar por isso. Estava ali tudo. Todas as minudências das vidas das famílias que ele havia criado e esvaziado.

Adrian jamais tencionara que a sua vida se tornasse tão conturbada. Duas ex-mulheres. Uma mulher defunta. Três filhos. Duas filhas. Três casas. E uma gata. Mas, mais do que isso, não apenas essas relações diretas, mas todo um sem-fim de pessoas que haviam sido arrastadas para o seu mundo por via destas famílias temporárias: os namorados e as namoradas dos filhos, as mães e os pais dos melhores amigos deles, os professores preferidos, as mães e os pais e as irmãs e os cunhados, essas pessoas que eram tias e tios e avós e primos dos seus amados filhos. Pessoas que em tempos tinham desempenhado um papel importantíssimo na sua vida e que continuavam a desempenhar um papel importantíssimo na vida dos seus filhos. Pessoas em quem não podia simplesmente deixar de pensar e de querer saber notícias e de acarinhar simplesmente por já não estar apaixonado pela filha/irmã/tia delas.

E ali estava. A agulha afiada da tragédia, na parte mais mole da sua barriga, ao pensar em Maya. Que não deixara nada. Não propriamente. Pais que ele mal chegara a conhecer, um irmão com quem nunca se cruzara, a não ser por breves momentos no casamento deles, uma melhor amiga irritadiça que parecia responsabilizá-lo pela morte dela. E a gata. A gata que não conseguira estabelecer uma ligação com uma bela jovem mulher chamada Jane e que, por conseguinte, ainda ali estava, aninhada como um lustroso apóstrofo num raio de luz do Sol.

Atravessou a sala e sentou-se ao lado da gata. Observou-a por um momento. Maya mimara aquela gata, estava sempre a falar dela, comprava-lhe guloseimas caras e brinquedos com os quais nunca brincava. Ele observara-a, estupefacto. E então, certo dia, poucas semanas antes do casamento, e apesar de ela nunca lho ter pedido, ele dissera-lhe que tinha condições para ter mais um bebé. «Um pequenino, só», dissera ele, afastando as mãos alguns centímetros. «Que dê para ter numa caixa, talvez. Ou no bolso.»

«E se crescesse?», perguntara ela.

«Bem, espremíamo-lo um bocadinho», respondera ele, fazendo de conta que dava umas palmadinhas nos flancos de um bebé pequenino.

«Então tinha de ser um bebé esponjoso?»

«Sim», respondera ele. «De preferência.»

Ele pousou uma mão no dorso da gata, que deu um salto ao sentir o toque. Era de prever. Ele raramente lhe tocava. Mas depois a gata amansou e ofereceu-lhe a barriga, uma almofada de espesso pelo preto e duas fileiras de mamilos cor-de-rosa. Ele encostou a mão e lá a deixou, sentindo a sensação reconfortante da carne e do sangue quentes sob a palma. A gata tocou-lhe com as patinhas de modo brincalhão, e, por um momento, Adrian sentiu qualquer coisa humana em relação ao animal, a «ligação» que a rapariga chamada Jane havia referido. Talvez tivesse razão, ponderou. Talvez ainda precisasse de ter na sua vida aquele pedaço de Maya que ainda vivia e respirava. Nesse instante, enquanto o pensamento lhe cruzava a mente em sofrimento, apertou com meiguice a pata dianteira da gata e recolheu a mão com um grito de dor quando a bichana lhe furou a pele pálida e fina da parte de dentro do pulso com uma garra minúscula em gancho.

— Ai! *Merda!* — Levou o pulso à boca e chupou-o. — Para que é que foi isso?

A gata pôs-se em pé de um pulo e deu um salto do sofá com a elevação da sua voz. Ele fitou o pulso, o furinho minúsculo na pele, vermelho-escuro, quase preto, mas sem sangrar. Continuou a fitá-lo, incentivando-o a sangrar, incentivando-o a produzir algo humano e quente e brilhante. Mas tal não aconteceu.

Era sábado à noite. Outra vez. A quadragésima sétima noite de sábado desde a morte de Maya.
Não se tornavam mais fáceis.

Adrian pensava de modo indolente no que a sua família estaria a fazer. Imaginava-os alinhados em frente da televisão a assistir ao programa mais popular das noites de sábado, fosse lá qual fosse. O que é que os miúdos o tinham obrigado a ver no fim de semana passado quando lá estiveram? Qualquer coisa em que aparecia o Ant e o Dec. Mal se lembrava. Mas sentia-se grato por não ser um daqueles programas de talentos repugnantes com gente a chorar por todos os cantos.

Quando as sombras começaram a impor-se sobre o passeio lá fora e um aguaceiro ligeiro começou a tamborilar nas vidraças, Adrian serviu-se de um copo de vinho e puxou o computador portátil para si.

Até Maya ter morrido e o ter deixado por sua conta pela primeira vez desde os seus 19 anos, ele jamais se tinha apercebido de que não tinha amigos. Tivera amigos no passado, mas tinham feito parte do pacote dos dois primeiros casamentos. Os amigos que tivera em Sussex com Susie haviam permanecido em Sussex com Susie. Os amigos que tivera com Caroline tinham ficado completamente do lado dela no seguimento do seu caso amoroso com Maya. Ou melhor, do lado das mulheres deles. E ele e Maya não tinham feito amigos, porque tinham andado demasiado ocupados a manter toda a gente feliz.

Algumas pessoas estranhas tinham aparecido do nada depois da morte de Maya, pessoas de quem ele nunca pensara voltar a ter notícias: o ligeiramente sinistro subdiretor do colégio feminino em que Maya dera aulas e com quem ele uma vez tivera uma longa e muito tensa conversa numa noite de angariação de fundos; o ex-marido de uma

amiga de Caroline, cuja voz nasalada ele e Caroline imitavam com grande alegria pelas costas; o pai bastante belicoso de uma amiga de Pearl, com quem Adrian apenas se cruzara em encontros de 90 segundos nos degraus das respetivas casas quando entregavam e recebiam as crianças. Tinham-no obrigado a ir a pubs e, de quando em vez, até a discotecas. Haviam-no enchido de álcool até ele ficar com aspeto de quem se estava a divertir, e depois tinham tentado fazê-lo conversar com mulheres inadequadas. «Este é o meu amigo Adrian. Acabou de perder a mulher.»

Houvera também uma invasão de mulheres no rescaldo da morte de Maya. Sobretudo mães de amigos da escola, as mesmas mulheres que haviam olhado para ele com repugnância ao saberem que tinha deixado Caroline e que agora o rodeavam com olhos dilatados e carinhosos, levando-lhe comida em *tupperwares*, que ele depois teria de lavar e devolver com palavras de gratidão.

Não as quisera nessa altura. Quisera apenas ficar em casa a chorar e a perguntar-se porquê, porquê, porquê.

Agora, onze meses depois, continuava sem saber porquê, mas desistira de se perguntar.

A rapariga chamada Jane regressou no dia seguinte. Desta vez tinha o cabelo cor de mel solto, com as pontas reviradas para fora junto à clavícula, a franja aberta ao meio e a pender de cada um dos lados do seu rosto, como se ela estivesse a espreitar pelas cortinas de um palco. Nos momentos que antecederam a sua chegada, Adrian fizera coisas que não queria aprofundar demasiadamente. Fora buscar o espelho de mão de Maya a um canto escuro do apartamento e levava-o para um canto iluminado do apartamento, para examinar o rosto com um grande e pouco edificante pormenor à luz de uma janela virada para oeste. Maya tinha 30 anos quando ele a conheceu, e ele tinha 44. Ele via-se a si mesmo como um jovem de 44 anos. Uma farta cabeleira castanho-escura, olhos brilhantes de avelã, as curvas do sorriso viradas para cima, ainda era esse o rosto no espelho que ele esperava ver ali.

O tempo e o sofrimento eram cruéis em qualquer idade, mas particularmente neste ponto intermédio de fluxo físico, em que o rosto se tornava uma imagem tremelicante numa instalação pretensiosa de videoarte, focada e desfocada, novo/velho, novo/velho, novo outra vez.

A dada altura, nos momentos que se seguiram à morte de Maya, a imagem deixara de tremelicar e ali ficara. Estática. O rosto de alguém mais velho do que ele alguma vez pensara vir a ser. Nos últimos meses, não tinha olhado muito para espelhos, mas agora queria saber que aspeto tinha. Queria ver o que Jane iria ver.

Com um pormenor minucioso, percebeu que a linha do maxilar começara a descair; na pele do pescoço, viu pregas e entalhes que o fizeram lembrar as praias agrestes e erodidas pelas marés do norte de Norfolk. Viu almofadas amareladas de carne por baixo dos olhos; viu que a pele estava seca, que os olhos cor de avelã estavam descolorados e que o cabelo se tornara acromático, passando de um rico castanho-escuro para algo semelhante à cor do pavimento molhado.

Depois de terminado este processo, metera-se no duche a fazer coisas à cara com o conteúdo de bisnagas e boiões ali deixados por Maya. Lavara o cabelo duas vezes, até chiar de tão limpo sob os dedos. E depois, possivelmente pela primeira vez na vida, aplicou-lhe amaciador. Não se perguntou porquê. Pô-lo, e pronto. Depois passou uma camisola a ferro. Uma camisola verde que Maya uma vez dissera que lhe fazia sobressair o tom avelã dos olhos. E usou o secador de Maya, para secar o cabelo, percorrendo-o com os dedos, fazendo-o ficar lustroso e bem-cheiroso.

Amaldiçoou-se em silêncio ao ver o relógio passar das 11h22 para as 11h23, sete minutos antes da hora combinada. *Parvalhão*, murmurou entre dentes. *Seu completo e total estafermo*. Encheu a chaleira e desviou coisas na bancada da cozinha para lhe dar um ar mais acolhedor. *Quarenta e oito*, murmurou para si próprio. *Tens 48 anos. És viúvo. És uma besta*.

E ali surgiu ela à sua porta, curiosamente sem idade definida, com os seus olhos desirmanados e a franja velhaca, a cheirar a jasmim e a roupa lavada. Agarrava na malinha impecável com as duas mãos ao nível do estômago e vestia um casaco cinza-claro, abotoado com um único botão exageradamente grande.

— Entre, entre.

— Peço imensa desculpa — disse ela, entrando para o corredor com uma passada confiante. — Sei que deve achar que sou doida.

— O quê? Não!

— Claro que acha. É como se eu andasse a *namoriscar* a sua gata. A *cortejá-la*, está a ver? Daqui a nada, estou a perguntar-lhe se posso levá-la a jantar.

Adrian olhou para Jane e riu-se.

— Esteja à vontade — disse ele. — Ela tem umas maneiras impecáveis. E não come muito.

Jane dirigiu-se para a gata, que se encontrava no seu canto habitual, nas costas do sofá, mesmo ao lado da janela da frente. A gata virou-se quando ela se aproximou e ofereceu-se a ela com um focinho sorridente.

— Olá — disse Jane, envolvendo o focinho da gata na mão em concha e avaliando-a de modo afetuosamente. — Que menina tão doce.

— Posso oferecer-lhe um chá? — perguntou Adrian. — Um café? Água?

— Adoraria um café — disse ela. — Ontem, tive uma noite um pouco complicada.

Adrian assentiu com um meneio da cabeça. Ela não estava com aspeto de ter tido *uma noite complicada* na véspera. Na verdade, não tinha aspeto de alguma vez na vida ter tido *uma noite complicada*.

— Simples?

Ela sorriu.

— Simples.

Quando Adrian regressou com o café, encontrou Jane sentada no sofá com a gata ao colo e uma moldura com uma fotografia dos mais novos na mão.

— Estas crianças são espantosas — disse ela, virando a fotografia para ele. — São todos seus?

Ele olhou de relance para a imagem. Eram Otis, Pearl e Beau, com chapéus de pescador e galochas, enfiados até aos joelhos num riacho algures no sudoeste de Inglaterra. Atrás deles, o céu estava cinzento, metálico, e por baixo a água parecia aço e as suas roupas de cores garriadas irrompiam pelo tenebroso pano de fundo quase como se as crianças tivessem sido recortadas e ali coladas. Beau tinha o braço à volta da cintura de Pearl e Pearl tinha a cabeça encostada ao ombro de Otis. Era uma imagem feliz: as três crianças sorriam do mesmo modo natural, de olhos bem abertos e bocas descontraídas. Tinha sido Maya a fotografá-las. As crianças sempre haviam sorrído para Maya.

Adrian passou o café a Jane, que o pousou sobre o tampo da mesa.

— Sim — respondeu ele. — São todos meus.

— Como é que se chamam?

Ele olhou-a de relance. Estivera a passar fio dental nos dentes por causa daquela mulher, não podia estar admirado por ela querer fazer-lhe perguntas pessoais.

— Bem — disse ele, percorrendo a fotografia com o dedo. — Este é o Otis, que tem 12 anos; esta é a Pearl, que tem...

— Quase 10.

Ele olhou para ela pelo canto do olho. Ela devolveu-lhe um olhar brincalhão.

— Sim, tem quase 10. E este pequenote é o Beau. Fez agora 5 anos.

— Adoráveis — disse ela, voltando a colocar a fotografia com cuidado sobre a mesa e pegando na chávena de café. — E não vivem consigo?

— É muito inquisitiva — disse ele, sentando-se no cadeirão à frente dela.

— Sou bisbilhoteira — disse ela. — Pode dizê-lo. Não me importo.

— Pronto, está bem. É bisbilhoteira.

Ela riu-se.

— Desculpe, é que acho fascinante a vida das outras pessoas. Sempre achei.

Ele sorriu.

— Não tem importância. Eu sou igual. — Inspirou e passou a mão pelo maxilar acabado de barbear. — Não — disse ele. — Não vivem comigo. Vivem com a mãe. Numa moradia georgiana de cinco pisos em Islington.

— Uau. — Jane percorreu com os olhos a acanhada sala de estar, um reconhecimento silencioso do facto de a sorte grande ter calhado à ex-mulher de Adrian.

— Não faz mal — disse ele rapidamente. Detestaria que alguém sentisse pena de si, nem que fosse só por um instante. — Está tudo bem. Têm aqui espaço para caber apertadinhos em fins de semana alternados. O Beau dorme comigo, a Pearl e o Otis ficam no quarto de hóspedes. Está tudo bem.

— Então não teve filhos com a sua falecida mulher?

— Não. — Adrian abanou a cabeça. — Infelizmente, não. Se bem que, valha-me Deus, nem sei bem o que teria feito se tivéssemos tido um bebé. Quer dizer... teria de desistir de trabalhar. E toda a sustentação precária viria por aí abaixo.

— A grande casa em Islington.

— Sim. E a vivenda em Hove.

Ela ergueu-lhe uma sobrancelha indagadora.

— Ex-mulher número um — respondeu ele. — A Susie. Mãe dos meus dois filhos mais velhos. Veja só... — Pôs-se em pé e foi buscar outra fotografia emoldurada. Passou-lhe a moldura. — A Cat e o Luke. Os meus mais crescidos.

Ela fitou a fotografia com olhos arregalados.

— Você faz filhos muito especiais — disse ela. — Que idade têm estes dois?

— A Cat vai fazer 20, em maio. O Luke tem 23.

— Já são adultos?

— Sim, já são adultos. Embora por vezes não pareça.

— E vivem em Hove? Com a mãe?

— O Luke, sim. A Cat agora está em Londres. A viver com a Caroline.

— A Caroline?

— Sim, a Caroline. A esposa número dois.

Jane olhou na direção da porta para o corredor.

— Agora percebo perfeitamente aquela coisa — disse ela. — O quadro branco.

— Sim. O Quadro da Harmonia. Graças a Deus que existe. Graças a Deus pela Maya. — Expirou o ar de forma audível, para refrear uma súbita vaga de lágrimas.

Jane olhou para ele com compaixão.

— Então, se não se importa que pergunte, como é que a Maya morreu?

— Bem, usando termos técnicos, morreu de uma pancada na cabeça e da enorme hemorragia interna, depois de ter sido atropelada por um autocarro noturno na Charing Cross Road às três e meia da manhã. Mas, usando termos oficiais, não fazemos ideia nenhuma do motivo que a levou a ser atropelada por um autocarro noturno na Charing Cross Road às três e meia da manhã. — Encolheu os ombros.

— Então não foi suicídio?

— Bem, o veredito foi morte acidental, mas as pessoas como a Maya, pessoas sensíveis e moderadas, não costumam ficar *acidentalmente* tão bêbedas a ponto de não conseguirem ter-se de pé e acabarem por cair à frente de um autocarro na Charing Cross Road às três e meia da manhã. Portanto...

— Um grande ponto de interrogação.

— Sim, um ponto de interrogação muito grande.

— Meu Deus, aposto que adoraria saber.

Adrian exalou.

— Pode ter a certeza. Custa muito seguir em frente, assim, sem respostas.

— Tem alguma teoria?

— Não — respondeu ele. — Nada. Foi completamente inusitado. Tínhamos acabado de voltar de Suffolk, de umas férias em família. Foi uma estadia muito agradável. Ela tinha passado o dia com os meus filhos.

— Fez uma pausa, obrigando-se a sair do sítio escuro para onde ia sempre quando pensava nas últimas horas inexplicáveis da vida de Maya.

— Éramos felizes. Estávamos a tentar ter um bebé. Era tudo perfeito.

— Seria?

Ele olhou para ela com curiosidade. Soou-lhe como uma acusação.

— Sim — disse ele, de modo quase rude. — Era mesmo.

Jane deixou a mão descair lentamente da clavícula para o colo.

— Tão nova — sussurrou ela.

— Tão nova — ecoou ele.

— Trágico.

— Sim.

— Horrível.

— Sim.

E assim surgiu, como uma corrente de ar, no momento exato. O Silêncio Constrangedor. A conversa sobre a morte de Maya era um beco sem saída. Independentemente de quem fosse o interlocutor, acabaria por chegar o momento em que Já Não Havia Nada a Dizer. Mas era Indelicado Mudar de Assunto. Acontecia muito mais depressa com desconhecidos.

— Pois é — disse ela, de modo brusco, pondo-se em pé de um salto.

— É melhor ir andando.

— Oh — disse ele, assarapantado. — Certo. Então e a *Billie*? Hoje, já sente mais ligação?

— Sim — respondeu ela. — Por acaso, até sinto. Mas não a vou levar. Vou deixá-la aqui. Consigo. Acho que precisa dela.

Ele olhou para ela. E depois para a gata. E soube que ela tinha razão.

— Obrigado — disse ele. — Sim. Tem razão. Preciso mesmo.

Ela sorriu-lhe de modo cúmplice.

— Ainda bem — disse ela.

— Não sei o que me passou pela cabeça, na verdade. Acho que pensei que seria uma coisa positiva. Seguir em frente. Sabe como é.

— Ah — disse ela, pegando na mala. — Seguir em frente é uma coisa que acontece, não algo que se faça. É isso que as pessoas não compreendem. Seguir em frente não é uma coisa proativa. É uma coisa orgânica. — Pôs-se de pé. — Seja terno para si próprio. — Alisou a saia do vestido de malha, sacudiu o cabelo louro por cima dos ombros e apanhou o casaco do braço do sofá.

Adrian fitou-a. *Seguir em frente não é uma coisa proativa.* Porque é que nunca ninguém lhe tinha dito isso antes? Porque é que toda a gente estava sempre a dizer-lhe o que ele deveria fazer para se sentir melhor? *Vai para fora por uns tempos. Inscreve-te num site de encontros. Faz terapia. Muda de casa. Deita coisas fora.*

E ele não queria fazer nada disso. Não queria seguir em frente. Queria manter-se exatamente onde estava. Consumido e oprimido pelo verdadeiro inferno do luto.

— Obrigado — disse ele. — Sim. Obrigado. Assim farei.

Ela olhou novamente de relance para o Quadro da Harmonia quando ele a acompanhou à porta.

— O que é que lhe comprou? — perguntou ela.

— Como?

— À Pearl? Pelos anos.

— Ah — disse ele, mais uma vez assarapantado com o nível de confiança dela. — Comprei-lhe uns patins para o gelo.

Jane assentiu com a cabeça.

— Que giro.

— Todos os anos lhe ofereço uns patins de gelo. Ela faz patinagem artística. Patina desde que era pequenina, desde os cinco anos, ou coisa que o valha. Tem imenso jeito... ganha coisas... taças e troféus. Passa todo o tempo livre no Ally Pally, a treinar.

Jane arregalou os olhos.

— Ena — disse ela. — Isso é impressionante. Com tão tenra idade. Estar assim tão focada. É invulgar, nos dias que correm.

— Sim, é verdade. Não sei a quem é que ela sai. Quando eu tinha 10 anos, só queria era estar sentado nas árvores a atirar coisas às pessoas.

Jane sorriu, mas não se riu.

— Pois — disse ela. — Bem, foi um prazer conhecê-lo, Adrian. E à sua doce gata. Espero que corra tudo bem entre os dois.

— Sim. Acho que agora pode correr. Graças a si.

Ele pegou na mão dela e apertou-lha. Ela tinha a mão fresca e escorregadia. Adrian sentiu uma súbita vaga de pânico quando ela afrouxou o aperto, uma coisa primeva e básica. Apetecia-lhe dizer: *Não vá! Beba mais chá! Faça-me mais perguntas! Não me deixe aqui!*

Ao invés, deu-lhe uma palmadinha no ombro, sentindo sob os dedos a macieza fofa do seu imaculado casaco de lã, e disse:

— Foi um prazer conhecê-la, Jane. Fique bem.

— O Adrian também. Boa sorte com tudo.

Ele fechou a porta atrás dela e dirigiu-se de imediato para a janela, para a ver partir. Partilhou as costas do sofá com *Billie*, observando Jane a virar à esquerda e depois a parar, para, de um modo bastante inesperado, tirar da mala impecável um maço de cigarros. Viu-a tirar um isqueiro de plástico de outra divisória da mala e acender um cigarro, inalar, guardar o isqueiro, fechar a mala e caminhar com passos ligeiros em direção à rua principal, deixando uma sombra espectral de fumo no seu rasto.

No contexto dos vários filhos de Adrian, Beau era muito, muito pequeno, mas, ao sair em passos largos pela porta da sala de aula, encimando os colegas de turma, parecia o rapaz mais alto do mundo. Adrian pegou nele e apertou-o com força, antes de tornar a pousá-lo no piso de macadame.

Beau olhou para trás de Adrian.

— Só vieste tu? — perguntou, entregando a Adrian a mochila da escola.

— Sim. Só eu.

— Também vamos buscar a Pearl?

— Sim, é claro que também vamos buscar a Pearl. Ela faz anos!

— Onde é que vamos?

Espremeram-se entre a multidão de crianças e de pais que bloqueavam o terreiro do recreio. Adrian sorriu a um ou outro rosto que lhe era familiar. Tinha a mão de Beau dentro da sua, pequena e seca, como um amuleto de boa sorte.

— É surpresa.

— Por causa dos anos da Pearl?

— Sim. Por causa dos anos da Pearl.

— O Otis vem?

— Não. Está a fazer uma coisa na escola. Por isso, somos só eu, tu e a Pearl.

Beau acenou com a cabeça de modo aprovador.

Pearl estava com um ar altivo e real, como sempre, a mais alta entre as colegas de turma, com as mãos nos bolsos do casaco acolchoado, espreitando com desconsolo de baixo do seu grande barrete peludo em forma de urso num mar de cabeças, como se não conseguisse perceber

o que estava ali a fazer. Mas quando o seu olhar se cruzou com o dele, o rosto aligeirou-se-lhe e ela deslizou pelo recreio como uma criancinha em direção aos seus braços abertos.

— Papá! — disse, respirando para o sobretudo dele. — O que é que fazes aqui? A mãe disse que era a Cat que me vinha buscar. Disse que tu estavas ocupado, que aparecias para jantar mais logo.

— Estávamos os dois a mentir — disse ele. — Para eu poder fazer-te uma surpresa.

Pearl sorriu.

— Parabéns, pequenita. — Beijou-lhe o cocuruto da cabeça.

— Obrigada — balbuciou ela, sorrindo de modo envergonhado a um amigo que passava.

Adrian conduziu os dois filhos mais novos até à paragem de autocarros à porta da escola.

— Aonde vamos? — perguntou Pearl.

— Vamos ao cinema. Ver uma coisa chamada *Comprámos um Zoo!* E depois, a mamã, a Cat e o Otis vão ter connosco para irmos jantar.

Beau socou o ar e Pearl sorriu de modo enigmático.

— Isso é giro? — perguntou ele.

— Sim — disse Pearl, roçando o braço nele com meiguice. — É bom.

Adrian sorriu de alívio. Na linguagem de Pearl, «bom» era equivalente a uma série de adjetivos superlativos multissilábicos, o que o fez tirar proveito do bem-estar da sua aprovação. Sentaram-se no andar de cima de um autocarro que serpenteou pelo tráfego automóvel que passava pela escola e descia a Upper Street rumo a sul. Adrian levava o urso de Pearl no colo e afagava-lhe as orelhas, Beau ia em pé, encostado ao corrimão e a ver a rua em baixo, e Pearl seguia sentada, direita, como sempre, como fazia desde que era criança pequena, fitando imperialmente as lojas, respondendo às perguntas de Adrian com educação e simpatia, mas sem entusiasmo.

Adrian olhou-a fixamente de perfil, enquanto ela repousava. Era muito parecida com Caroline: bela sem ser bonita, cheia de linhas e de ângulos e de trabalho de carpintaria. Nunca tinha sido uma criança muito conversadora, não como Luke e Otis, os filhos mais velhos, que costumavam acordar de manhã com uma dúzia de perguntas já formuladas nas bocas acabadas de abrir, que falavam durante filmes e histórias e viagens de carro e não paravam até caírem no sono. Cat, a filha mais

velha, fora mais volátil; umas vezes era aberta e conversadora, outras vezes fechava-se. Beau era o vulgar miúdo de cinco anos. Ele e Caroline costumavam dizer que o tinham escolhido da prateleira depois de uma extensa busca. O bebé de manual, perfeito, e agora a criança doce e descomplicada. Mas Pearl... essa não era como os outros. Era a rainha do gelo. Maya chamava-lhe *a Imperatriz*. Mesmo quando era bebé, fugia ao calor da intimidade e do afeto, como se pudessem queimá-la.

— Nem posso crer que a minha menina já faz 10 anos — disse ele. Ela encolheu os ombros.

— Pois é — disse ela. — Tenho a sensação de que só nasci há uns seis anos.

— Vocês estão todos a ficar tão grandes...

— Eu sou o maior da minha turma — disse Beau.

— Eu também — disse Pearl.

— Não, tão crescidos, quero eu dizer. Já não são nenhuns bebés.

— Eu não sinto que alguma vez tenha sido bebé — disse Pearl.

— Não — disse Adrian, sorridente. — Pois não, suponho que não sintas.

O filme era terno e comovente. Era a história de uma mãe que tinha morrido, o que levou a muitos comentários por parte de Beau sobre o facto de Maya estar morta e de talvez eles também deverem comprar um jardim zoológico, apesar de Maya não ter sido a sua mamã verdadeira. Pearl mostrou-se muito pensativa nas partes tristes, e Adrian pôs-se a observá-la em busca de pistas para o que verdadeiramente sentiria em relação à morte de Maya menos de um ano antes, porque Pearl nunca falara verdadeiramente disso. Mas estava inescrutável, como sempre, firme como aço, até, sem nunca desviar a atenção do ecrã.

Já escurecia quando saíram do cinema, com o céu cheio de vívidas veias púrpuras. Adrian deu a mão a Beau e começou a conduzir os filhos de volta à Upper Street, para subirem até ao Strada. E foi aí que ele a viu, a caminhar na sua direção, de braço dado com um homem bem-apegoado de fato e sobretudo, levando na outra mão uma única rosa. Tinha o cabelo louro preso num coque no topo da cabeça, como uma bailarina, e tinha vestido o mesmo casaco cinza-claro com o grande botão que levava no dia em que fora ver a gata. Parecia mais alta do que ele se lembrava, e Adrian reparou que calçava o tipo de saltos que ele

não conseguia compreender, com sola de plataforma e um salto fininho de dez centímetros, em cabedal da cor da pele.

Estava preparado para passar por ela sem lhe dizer nada. Ela ia acompanhada. Ele estava com os filhos. Mas ela viu-o, e o seu rosto, já de si suave e animado daquele modo típico dos rostos nos primeiros encontros, iluminou-se mais um pouco ao reconhecê-lo.

— É você — disse ela.

Adrian recompôs a expressão, aproximando-a da surpresa maravilhada, apontou para ela de modo teatral e disse:

— Sim! E é você! — Até aos seus ouvidos aquilo soou bizarro.

— Como é que está? — perguntou ela.

— Estou bem — respondeu ele, com a voz talvez demasiado alta, o tom demasiado forçado. — Só... eh... — Olhou para os filhos, que fitavam Jane com curiosidade. — Surpresa de aniversário.

Os olhos de Jane dilataram-se.

— Pois é! Claro! O aniversário da Pearl. E tu deves ser a Pearl.

Pearl confirmou com um aceno de cabeça, muda.

— Parabéns, Pearl. Tiveste as prendas que querias?

Pearl fez um ar admirado e Adrian interveio.

— Pearl, esta senhora foi a minha casa na semana passada, para ver se queria adotar a *Billie*. Chama-se Jane.

— Desculpa, devia ter explicado. Sim, sou a Jane. E este é o Matthew.

O homem que se chamava Matthew assentiu com a cabeça e sorriu de modo tenso, de uma maneira que sugeria que estar parado ao frio na Upper Street a falar com um velho e respetivos filhos não fazia parte dos planos para uma noite que havia começado com uma única rosa vermelha.

— E ela viu o meu quadro branco — continuou Adrian.

— Sim. — Jane dirigiu-se às crianças: — Sou uma coscuvilheira do pior. Faço demasiadas perguntas. Desculpa. — Levou uma mão ao peito, com os dedos a roçar no grande botão. Adrian fitou o botão. De repente, sentiu-se como se fizesse parte dele, daquele botão. Conseguia ver o casaco como tinha estado, pendendo de forma casual do seu cadeirão, na descontraída intimidade de uma manhã de domingo, sem homens chamados Matthew, sem crianças.

— Não seja tonta — disse ele, recuperando finalmente a sua identidade habitual. — Bem, é melhor irmos andando.

— Sim — disse ela. Sorriu e tornou a enlaçar o braço na dobra do de Matthew. — Vamos lá embora. Divirtam-se, vocês todos. E feliz aniversário, Pearl.

Adrian estava prestes a avançar, a regressar à suave passagem da sua noite, quando ela parou, puxou Matthew para trás pelo braço e disse:

— Ah, é verdade. Como é que se está a dar com a *Billie*?

— Muito bem — respondeu ele. — Muito bem.

O sorriso dela mudou, nessa altura, para um semblante que condizia com a familiaridade dos anteriores encontros entre ambos.

— Isso é ótimo — disse ela. — É mesmo bom. Bem, divirtam-se.

— Sim — disse Adrian. — Vocês também.

Sentiu que o rosto corava à medida que se afastavam. Aquela mulher tinha qualquer coisa. Qualquer coisa que o perturbava e ao mesmo tempo o reconfortava.

— Porque é que vais dar a *Billie*? — perguntou Pearl.

— Não a vou dar.

— Mas aquela mulher disse que queria adotá-la.

— Eu sei. Mas mudei de ideias. Aquela mulher fez-me mudar de ideias.

Pearl refletiu por um instante.

— Ainda bem — disse ela. — Fico contente. Não podes dar a gata da Maya. Não podes.

— Não vou dá-la, Pearl.

— Aquela mulher fez-me lembrar dela.

— De quem, da *Billie*?

— Não! — Pearl não gostava de piadas que não fossem nos seus próprios termos. — Da Maya.

— A sério? — Adrian fez a pergunta com cautela. Pearl via frequentemente mulheres que pensava serem Maya. Por vezes, puxava-lhe o braço e apontava: «Olha, pai, olha, é ela!» Mas dava por si a apontar para uma desconhecida de cabelo ruivo sem qualquer semelhança com Maya, já de monco caído por causa da desilusão. — Eu não sinto isso.

— Não, quer dizer, isto não é aquela coisa que eu faço quando penso que a vejo. Eu sei que não é ela. Só acho que há qualquer coisa nela que é um bocado como a Maya.

Adrian pôs o braço à volta dos ombros de Pearl e apertou-lhos. Ela sacudiu-o, com meiguice.

— Tenho muitas saudades da Maya — disse Beau, com um suspiro.
— Tenho mesmo muitas saudades.

— Oh, meu Deus — disse Adrian, parando e fitando os olhos cinzentos e sem malícia de Beau. — Oh, sim, também eu. Também eu.

Quando Adrian regressou a casa, sozinho, três horas depois, o apartamento recebeu-o com sombras e espaços vazios. Desenrolou o cachecol, desabotoou o casaco, pendurou as suas coisas no cabide. Lá estava o casaco de Maya, tal como ela o havia deixado no dia quente de primavera, quase um ano antes, em que saíra para ir a casa de Caroline, nunca mais voltando. Era uma coisa preta simples, acolchoada com penas, com um capuz debruado com pelo e um cinto na cintura. Ele lembrou-se do rosto dela a espreitar do capuz em dias de neve, com as mãos enfiadas nos bolsos, flocos de neve pousados na franja acobreada, os olhos azuis cheios de mistérios.

E depois lembrou-se de Jane. A mente encheu-se-lhe de imagens do rosto radioso dela, a rosa na mão, o botão no casaco. Não se parecia com ninguém que ele já tivesse conhecido. Ele nunca procurara o *glamour*. O *glamour* nas mulheres tinha tendência a desviá-lo da rota, como um condutor que se dirigisse para ele com os máximos ligados. Sempre buscara mulheres simples mas sensuais, mulheres com feições fortes, boas pernas, vozes roucas, cabelo espesso, mulheres que não se importassem de sair de casa em peúgas de lã e uma camisola polar já gasta. Viking, assim chamava ele ao tipo de mulher que lhe agradava. Maya não era viking, mas era discreta e natural, com um cabelo muito prático, acobreado e curto, pelo queixo, calças de ganga e casaco de malha, maquilhagem só depois do cair da noite. Ele gostava do tipo de beleza sóbria que sentia ter descoberto, um segredo só deles. Mas eis Jane: brilhante e reluzente. Cada pedacinho seu parecia ter sido mergulhado em pó de ouro. Não era uma viking, era uma princesa.

A gata apareceu quando ele entrou na sala de estar. Ele deu-lhe de comer e tirou a louça da máquina. Todos os movimentos foram acompanhados por uma espécie de eco inaudível, como pedras atiradas de precipícios. Ele nunca tinha vivido assim, sozinho. Juntara-se com Susie aos 20 anos. Casara-se com Susie aos 24. Divorciara-se de Susie aos 35. Fora viver com Caroline aos 35. Casara-se com Caroline aos 36. Divorciara-se de Caroline aos 44. Fora viver com Maya aos 44. Casara-se

com Maya aos 45. Enviuvara aos 47. Como um final abrupto para um livro muito bom, folheando freneticamente as páginas para ver se lhe tinha escapado alguma coisa, aturdido e desorientado.

Lembrou-se de Caroline, a atravessar à pressa as ruas escuras de Islington para regressar à acolhedora moradia de ambos com os três filhos pequenos a reboque, com Cat ao lado e os seus estranhos cães pequenos e a lareira na cozinha à espera. Lembrou-se dela a desligar as luzes, a desejar bons sonhos a cada uma das crianças, a meter-se na cama com os sons da família à sua volta, o rangido das tábuas do soalho, a respiração dos cães estranhos, o isolamento de outras vidas a serem vividas ao lado dela, mesmo enquanto dormia. Ele largara tudo isso quatro anos antes, de modo amigável e razoavelmente alegre, e dedicara-se a este outro tipo de vida; uma vida mais sossegada, com uma mulher e a sua gata. Ao início, sentira a falta do barulho e da algazarra, das portas a bater, dos sapatos abandonados, das mochilas da escola penduradas, dos gritos matinais. Mas depois habituara-se à elegância de uma vida partilhada com uma pessoa apenas, em que um cocktail às cinco da tarde não parecia fora de questão e os jornais eram uma possibilidade real e nunca ninguém olhava para ele como se fosse um idiota. E logo que se habituara a isso, tudo desaparecera. E agora não conseguia habituar-se a isto. Não conseguia mesmo.

Sentou-se no sofá, puxou uma almofada para o colo e aí a manteve. E depois olhou para o cadeirão, e mais uma vez foi atingido pela memória do casaco de Jane pendurado nas costas. Pegou no telemóvel e abriu a troca de mensagens que havia começado com Jane duas semanas antes:

«Olá, é a Jane, a senhora que quer ir ver da gata. Vou estar aí por perto no sábado, por volta das 11 da manhã. Posso aparecer a essa hora?»

«Sim, claro. A minha morada é Apartamento 2, 5 St. John's Villas, NW1 1DT. Até lá!»

«Ótimo. Obrigada!»

«Olá, Adrian, estou a sair de uma aula de kickboxing em Highgate. Consigo estar aí dentro de meia hora. Pode ser?»

«Claro que sim, Jane. Estou aqui até à hora de almoço, portanto, até já.»

Desligou o telemóvel e pousou-o no sofá. O que era aquilo que estava a sentir? Que tipo de expectativa distorcida se desenvolvia nas suas entranhas? Era quente e assoberbante, e foi aí que ele percebeu

que, pela primeira vez em quase um ano, estava a sentir algo mais forte do que pesar.

Pegou novamente no telemóvel, escreveu uma SMS e carregou em *enviar*, antes que o cérebro enviasse uma mensagem às suas entranhas a dizer que estava a fazer um disparate.

«Olá, Jane. Que coincidência tão agradável, ter dado de caras agora consigo. Espero que esteja a ter uma ótima noite e, mais uma vez, obrigado por ser tão sensata em relação à gata. E a tudo. Foi um prazer conhecê-la.»

Adrian pousou o telemóvel na palma da mão e fitou-o, imaginando de repente, e muito contra a sua vontade, o corpo nu do homem atraente chamado Matthew aninhado em Jane, possivelmente com a solitária rosa vermelha presa entre os dentes. Colocou o telefone sobre a mesa e deu um salto no lugar quando alguma coisa vibrou perto da sua coxa. Perseguiu a vibração pelo sofá às apalpadelas até descobrir a origem. Um telemóvel, entalado no forro do sofá. Ligou-o e viu imediatamente a sua própria mensagem.

O seu cérebro envelhecido demorou um segundo ou dois a perceber o que se passava. Mas depois, claro, *o telemóvel dela*. Ela deixara lá o telemóvel. Jane deixara lá o telemóvel.

Na casa dele.

TODOS TEMOS SEGREDOS, E OS SEGREDOS TÊM CONSEQUÊNCIAS.

Adrian Wolfe tem duas ex-mulheres, cinco filhos e demasiada bagagem.

Mesmo assim, ele e a sua terceira mulher, Maya, vivem em harmonia com a sua extensa família... Até que Maya morre inesperadamente e sem explicação. Um ano depois, as circunstâncias bizarras da sua morte continuam a atormentar Adrian: terá sido mesmo acidente? Ou suicídio? Teria Maya razões para tirar a sua própria vida?

Tentando ultrapassar o luto, Adrian decide investigar e descobre segredos perturbadores que o levam a passar em revista a relação com as ex-mulheres e os filhos. De repente, a frágil bolha de felicidade que envolvia a sua esquizo-frénica família rebenta. Nem tudo é o que parece com os Wolfes. E quanto mais defeitos Adrian descobre na sua vida aparentemente perfeita, mais ele se questiona: será que algo ou alguém levou Maya à beira do precipício?



A Terceira Mulher é um romance intenso sobre famílias modernas, que o deixará completamente agarrado aos seus segredos.

Da mesma autora, leia também
a história de uma família
em busca da redenção:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-04-3



9 789898 869043

Literatura Traduzida